

1

Introdução

*Gostaria de dizer que 'Este livro foi escrito para a glória de Deus'.
Em nossos dias, no entanto, isso seria uma impostura,
quer dizer, não seria corretamente entendido.*¹

*A arquitetura imortaliza e glorifica alguma coisa.
Logo não pode haver arquitetura
onde não há nada (para imortalizar &) para glorificar.*²

Ludwig Wittgenstein

“Por que há antes alguma coisa e não o nada?”³ Pode parecer estranho à primeira vista ver esta questão aqui formulada. Afinal, que relação poderia ela ter com uma dissertação que anuncia tratar da distinção entre dizer e mostrar em Wittgenstein? Sendo uma questão metafísica por excelência, parece distanciar-se de um contexto tractatiano, uma vez que ela insiste em indagar para além de um limite. Por que trazê-la então?

O próprio Wittgenstein declara: “Don’t think I despise metaphysics. I regard some of the great philosophical writings of the past as among the noblest works of the human mind.”⁴ (DRURY, 1981, p. 93). Para entender sua filosofia é preciso dar “particular attention to the relationship between his philosophy and traditional metaphysics.”⁵ (PEARS, 1970, p. 8). O contraste entre as proposições tractatianas e o que a famosa pergunta leibniziana permite de mal-entendido ajuda a entender melhor alguns pontos do pensamento de Wittgenstein. Tal questão parece dizer respeito a uma alternativa exclusiva. Contudo, ela envolve uma opção não genuína. Afinal, não se pode pensar o impensável, a saber: o nada. É sobre o

¹ Cf. *OF*, p.7.

² Minha tradução do inglês. Original: “Architektur verewigt & verherrlicht etwas. Darum kann es nicht Arkitecture geben, wo nichts (zu verewigen &) zu verherrlichen ist”. (CV, p. 74).

³ Cf. LEIBNIZ, 2004. Original: “pourquoi il y a plus tôt (sic) quelque chose que rien”.

⁴ Minha tradução: “Não pense que eu desprezo a metafísica. Eu considero alguns dos grandes escritos filosóficos do passado como entre os mais nobres trabalhos da mente humana”.

⁵ Minha tradução: “atenção particular à relação entre sua filosofia e a metafísica tradicional”.

esclarecimento desse limite para a expressão dos pensamentos, ou seja, entre o dizível e o indizível, que o seu *Tractatus Logico-Philosophicus* se dedicará. A negação desempenhará neste contexto um papel fundamental. Afinal, também ela está submetida a um limite, na medida em que não se pode negar a totalidade das possibilidades deste mundo. A interpretação que Wittgenstein faz desta operação será um fator decisivo para que ele trace os limites a que se propõe. Tratará, portanto, da elucidação da estrutura da linguagem, pois, para ele, é devido a uma má compreensão da essência desta que se originam os problemas filosóficos.

No *Tractatus*, o filósofo austríaco introduz sua célebre distinção entre dizer e mostrar. Já no prefácio anuncia que “o que se pode em geral dizer, pode-se dizer claramente; e sobre aquilo que não se pode falar, deve-se calar”.⁶ Segundo ele, “há por certo o inefável. Isso se *mostra*, é o Místico”.⁷ (TLP, 6.522). As passagens finais deste livro, precisamente aquelas correspondentes à seção 6.4 – 7, inspiram muitas controvérsias. Neste trecho, Wittgenstein formula proposições cujo lugar na arquitetura da obra é extremamente enigmático. Embora em tom mais próximo ao prefácio, elas parecem distanciar-se do resto do texto pelo seu estilo e pelo seu caráter “misterioso”. (WHORTINGTON, 1988, p. 2). Estão, contudo, associadas de modo mais explícito à ética, a qual é o objetivo do livro. Em carta à Ficker, Wittgenstein escreve: “o objetivo do livro é ético”.⁸ (WITTGENSTEIN. *Apud*. VON WRIGHT, 1971, p. 15).

O místico costuma ter relevância subestimada na estrutura do *Tractatus*. Até Russell que já havia pensado a relação entre lógica e misticismo fica surpreso com a presença das proposições que se referem a este tema, considerando-as um “elemento estranho” no livro. (LD, p. 5). Tendo isso em vista, buscar-se-á tornar as passagens que o concernem menos obscuras. Acredita-se que isso permitirá melhor situá-las na arquitetura da obra. Além disso, elucidar este aspecto é uma forma de apontar uma melhor articulação entre os pólos da distinção entre dizer e mostrar.

Para isso, será abordada, primeiramente, a crítica da linguagem que Wittgenstein faz no *Tractatus* de modo a contextualizar a elaboração da distinção

⁶ Original: “Was sich überhaupt sagen läßt, läßt sich klar sagen; und wovon man nicht reden kann, darüber muß man schweigen”. (TLP, Vorwort).

⁷ Original: “Es gibt allerdings Unaussprechliches. Dies zeigt sich, ES ist das Mystische.”

⁸ Minha tradução do inglês. Original: “der Sinn des Buches ist ein Ethischer”.

entre dizer e mostrar. A seguir, mas ainda no primeiro capítulo, a operação de negação ajudará a apontar os limites entre o que pode e o que não pode ser pensado. Em um segundo capítulo, serão apresentadas algumas questões a respeito da não conformidade entre este seu livro e sua teoria semântica, bem como observações sobre a inserção do místico nesta obra. Após delinear a proposta do *Tractatus* e os conflitos envolvidos em sua interpretação, em um terceiro capítulo, se tentará contribuir para o esclarecimento de alguns pontos obscuros concernentes à referida distinção. Receberá particular atenção, neste momento, a noção de místico e a ética tractatiana.

Outro fator que parece contribuir para a relevância desta pesquisa é um passo que ela pode significar na direção de melhor entender as motivações da declaração de Drury: “I’m going to venture to state that all the subsequent writings continue this fundamental idea. They all point to an ethical dimension”.⁹ (DRURY, 1981, p. 97). Na introdução de seu livro *Wittgenstein: A religious point of view?*, Malcolm comenta que

When Wittgenstein was working on the latter part of the *Philosophical Investigations*, he said to his former student and close friend M.O’C. Drury: ‘My type of thinking is not wanted in this present age; I have to swim so strongly against the tide.’ In the same conversation he said: ‘I am not a religious man but I cannot help seeing every problem from a religious point of view’.¹⁰ (MALCOLM, 1997, p. 1).

E continua: “The ‘problems’ he meant are *philosophical*: those very perplexities and confusions with which he grapples in the *Investigations*”.¹¹ (MALCOLM, 1997, p. 1). As observações de Wittgenstein fizeram Drury se perguntar se “there are not dimensions in Wittgenstein’s thought that are still largely being ignored”.¹² (DRURY, 1981, p. 94).

⁹ Minha tradução: “Agora eu vou me arriscar a dizer que todos os seus escritos posteriores dão continuidade a esta idéia fundamental. Todos eles apontam para uma dimensão ética”.

¹⁰ Cf. DRURY, 1981, p. 94. Minha tradução: “Quando Wittgenstein estava trabalhando na segunda parte das *Investigações Filosóficas*, ele disse ao seu antigo aluno e amigo próximo M. O’C. Drury: ‘Meu tipo de pensamento não é desejado nesta época presente; eu tenho que nadar com tanta força contra a maré.’ Na mesma conversa ele disse: ‘Eu não sou um homem religioso mas não consigo deixar de ver todo problema a partir de um ponto de vista religioso’ ”.

¹¹ Minha tradução: “Os ‘problemas’ a que ele se referia eram *filosóficos*: aquelas próprias perplexidades e confusões com as quais ele lutava nas *Investigações*”.

¹² Minha tradução: “não há dimensões no pensamento de Wittgenstein que ainda têm sido largamente ignoradas.”

Talvez uma forma de tentar rastrear estas possíveis dimensões ignoradas seja retornar ao *Tractatus*. No prefácio de *Investigações Filosóficas*, ele diz que as idéias ali presentes podem ser melhor compreendidas em contraposição ao seu pensamento anterior. Buscar entender as chamadas passagens místicas que finalizam o *Tractatus* parece uma pista que vale a pena ser investigada na tentativa de elucidar estas questões. Talvez assim se possa ler seus outros textos com novos olhos, compreendendo melhor, inclusive, que ponto de vista seria este a que Wittgenstein se refere. Drury estava certo de que “we will not understand Wittgenstein unless we feel some sympathy and comprehension for this persistent intention to change his whole manner of life”.¹³ (DRURY, 1981, p. 92). Postura essa que parece ter fortes relações com o *Tractatus*.

Cabe notar que muitas passagens também de *Culture and value* dialogam com motivos religiosos, demonstrando mais uma vez uma preocupação ética. Von Wright, inclusive, declara que “é visível que quase metade das observações resultam de período posterior à conclusão (1945) da Primeira Parte das *Investigações Filosóficas*”.¹⁴ (VON WRIGHT, 1994, p. x). Outro indício, portanto, de que as questões permanecem. Além disso, Von Wright diz estar convencido de que “essas notas podem ser propriamente entendidas e apreciadas apenas contra o pano de fundo da filosofia de Wittgenstein e, além disso, que elas contribuem para nossa compreensão dessa filosofia”.¹⁵ (VON WRIGHT, 1994, p. x).

Para Wittgenstein, “uma obra filosófica consiste essencialmente em elucidações. / O resultado da filosofia não são ‘proposições filosóficas’, mas é tornar proposições claras”.¹⁶ (TLP, 4.112). Embora algumas de suas posições mudem ao longo de sua obra, Wittgenstein manteve, ainda que por razões distintas, esta convicção.

¹³ Minha tradução: “não iremos entender Wittgenstein a menos que sintamos alguma simpatia e compreensão por essa persistente intenção de mudar todo o seu modo de vida.”

¹⁴ Minha tradução do inglês. Original: “Es muß auffallen, daß beinahe die Hälfte der Bemerkungen aus der Zeit nach dem Abschluß (1945) des ersten Teils der *Philosophischen Untersuchungen* stammt.”

¹⁵ Minha tradução: “daß man diese Aufzeichnungen nur gegen den Hintergrund von Wittgensteins Philosophie richtig verstehen und schätzen kann, und darüber hinaus, daß sie zum Verständnis dieser Philosophie beitragen.”

¹⁶ Original: “Ein philosophisches Werk besteht wesentlich aus Erläuterungen. / Das Resultat der Philosophie sind nicht ,philosophische Sätze‘, sondern das Klarwerden von Sätzen”.

Poder-se-ia questionar o uso que será feito de passagens exteriores ao *Tractatus* para justificar sua arquitetônica. Afinal, se a pretensão é entender sua unidade, por que recorrer a algo que não faz parte dela? Acredita-se que ainda que não pertençam a ela podem ajudar a entender melhor as suas partes e com isso a ligação entre as partes do todo, seja por proximidade ou distância. O próprio Hacker, por exemplo, faz uso da estratégia de utilizar passagens de outros momentos para melhor elucidar uma idéia de outro período.¹⁷

O objetivo deste trabalho não é mapear exaustivamente todos os argumentos envolvidos nas diferentes interpretações do *Tractatus*, mas trazer apenas aqueles oportunamente considerados relevantes para uma maior clareza das questões pertinentes a esta dissertação.

Se o que há de mais importante no *Tractatus* é o que é expresso pela proposição sete e o resto é corolário dela, talvez o uso desta outra parte possa ajudar a melhor entendê-la. Como as outras passagens são classicamente mais discutidas e aquelas concernentes ao místico costumam ser consideradas mais obscuras, deter-se-á nestas de forma especial na tentativa de que uma melhor compreensão delas ajude a lançar nova luz sobre a distinção que é o cerne do livro. A proposta é mostrar que talvez as passagens finais do *Tractatus* não sejam um elemento tão estranho quanto possa parecer.

¹⁷ Cf. HACKER, 1986, p. 19, nota 29.